

RAPHAEL JOSÉ PAUPÉRIO

**A INSERÇÃO DA EDUCAÇÃO FÍSICA NO CONTEXTO DE CRIANÇAS E
ADOLESCENTES EM SITUAÇÃO DE RISCO SOCIAL: E O CONTEXTO DE
VIOLÊNCIA**

Monografia apresentada como requisito parcial
para conclusão do Curso de Licenciatura em
Educação Física, do Departamento de Educação
Física, Setor de Ciências Biológicas, da
Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Maria Regina Ferreira
da Costa

**CURITIBA
2003**

Dedico esta monografia aos meus avós, Rubem Alves Paupério e Lourdes Guiomar Gonchoroski Paupério, aos meus pais, Rubens José Gonchoroski Paupério e Lizabeti de Fátima Fracaro Paupério, a minha irmã, Camilla Carolina Paupério, e ao meu amor Rosane Mari Gonçalves Arruda, por serem as pessoas que me iluminaram e muito me ensinaram na minha caminhada pela estrada da vida, nunca me deixando faltar o que mais necessitei, amor, carinho e compreensão. Muito obrigado! Amo todos vocês!

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, meus pais, meus avós, minha irmã, minha namorada, minha sogra e meus amigos pela contribuição que tiveram para a minha formação profissional. Agradeço especialmente à minha orientadora, professora Dra. Maria Regina Ferreira da Costa e ao professor Dr. Wagner de Campos por serem meus guias no processo de pesquisa e no desenvolvimento deste trabalho, muito obrigado. Agradeço a todos!

*É melhor tentar e falar do que se preocupar e ver a vida passar.
É melhor tentar, ainda que em vão, que se sentar fazendo nada até o final.
Prefiro na chuva caminhar que em dias tristes em casa me esconder.
Prefiro ser feliz, embora louco, que em conformidade viver.*

Martin Luther King

RESUMO

O estudo da temática violência vem recebendo grande atenção da sociedade em geral, principalmente quando tange sua manifestação em crianças e adolescentes em situação de “risco social”. Tendo em vista que a desigualdade social presente na população brasileira bem como a precária educação e a exclusão social são os principais fatores desencadeantes da violência nesta população. Este estudo busca investigar qual a importância do projeto: “a inserção da Educação Física no contexto de crianças e adolescentes em situação de “risco social”, implementado na ASSOMA (Associação de Meninos e Meninas de Curitiba) a partir de 2001, e como age frente ao contexto de violência. Para isto foram entrevistados 4 educadores sociais desta instituição. As informações foram analisadas qualitativamente, buscando-se indícios nas falas dos educadores que indicassem a atuação do projeto. De acordo com a percepção dos educadores entrevistados houve uma diminuição nos níveis de violência, devido o alcance metodológico das atividades desenvolvidas pelo projeto que proporcionaram e estimularam a participação espontânea, a cooperação, a criatividade, a aprendizagem em grupo e a elevação da auto-estima, aspectos importantes que auxiliam na efetivação da aprendizagem escolar e nas relações sociais.

Palavras-chave: violência; risco social; exclusão social; desigualdade social.

SUMÁRIO

DEDICATÓRIA	ii
AGRADECIMENTOS	iii
EPÍGRAFE	iv
RESUMO	v
1.0 INTRODUÇÃO	1
1.1 APRESENTAÇÃO DO PROBLEMA	1
1.2 JUSTIFICATIVA	2
1.3 OBJETIVOS	3
2.0 REVISÃO DE LITERATURA	4
2.1 DESIGUALDADE SOCIAL	4
2.2 CRIANÇAS E ADOLESCENTES EM SITUAÇÃO DE “RISCO SOCIAL”	5
2.3 INSTITUIÇÕES REEDUCADORAS NO PARANÁ E A ASSOMA	7
2.4 VIOLÊNCIA E CRIANÇAS E ADOLESCENTES EM SITUAÇÃO DE “RISCO SOCIAL”	11
2.5 A EDUCAÇÃO FÍSICA E AS CRIANÇAS E ADOLESCENTES EM SITUAÇÃO DE “RISCO SOCIAL”	14
3.0 METODOLOGIA	16
4.0 RESULTADOS E DISCUSSÃO	17
5.0 CONSIDERAÇÕES	22
REFERÊNCIAS	23
ANEXOS	25

1.0 INTRODUÇÃO

1.1 Apresentação do problema

A violência é uma problemática emergente que preocupa todos os estratos da sociedade, desde das classes mais privilegiadas até as camadas menos favorecidas, as quais sofrem de forma mais cruel e intensa os seus efeitos. Esta aumenta significativamente nos grandes centros urbanos devido ao aumento populacional, causando assim uma escassez de oportunidade de emprego e obtenção de renda, motivo pelo qual essas pessoas acabam submetendo-se a qualquer sacrifício para garantir a sua sobrevivência. Na maioria das vezes utilizam-se da violência como uma maneira de ganhar dinheiro, infringindo as leis postuladas pela elite dominante, as quais possuem alguns privilégios que acabam por potencializar uma insatisfação das classes populares.

Seria ingênuo pensar que a violência só se manifesta nas classes populares, porém a mídia procura transmitir essa idéia à população. A violência também se manifesta nos estratos superiores da sociedade, porém sua gênese, na maioria dos casos é diferente quando comparada com a população carente, estando relacionada ao estresse da vida diária, a desavenças cotidianas, etc. Além do que o tratamento da mídia na cobertura destes acontecimentos se faz diferente, ou seja, há uma distorção dos fatos para proteger os interesses da camada que detêm o poder.

Segundo Peralva (2000, p. 21), “no Brasil, o retorno à democracia foi marcado pela passagem das violências aquisitivas, cuja curva se havia elevado nos anos 1970, aos crimes de sangue, que dobraram entre 1980 e 1997, situando-se hoje entre os mais elevados do mundo”. Segundo dados da Organização Mundial da Saúde (OMS), para 60 países de diversas regiões do mundo, o Brasil é a nação que registra a segunda maior taxa de mortalidade por agressão. Apenas a Colômbia, país mergulhado em uma guerra civil há mais de 30 anos, tem uma taxa superior à do Brasil.

A violência aparece com maior incidência em populações em situação de risco social, em razão das precárias condições de vida as quais estão submetidas, como

aglomeração populacional, desemprego, miséria, fome, etc., e também por se caracterizar como resposta a repressão e a exclusão social imposta pela classe hegemônica do país. Esta condição de marginalização e precariedade faz com que as crianças e os jovens em situação “risco social” utilizem a violência como forma de sobrevivência e afirmação social.

Pensando na situação em que estão submetidas às crianças e adolescentes dos grandes centros urbanos este estudo tem como objetivo investigar se o projeto realizado na ASSOMA¹ (Associação de Meninos e Meninas de Curitiba), a inserção da Educação Física no contexto de crianças e adolescentes em situação de “risco social”, sob a perspectiva dos jogos cooperativos e da formação de valores humanos, contribui para uma diminuição nos níveis de violência?

1.2 Origem e justificativa da temática escolhida

Minha vida acadêmica sempre foi voltada para uma aquisição muito diversificada de conhecimento, ou seja, desde a entrada na universidade procuro absorver o máximo de conhecimento possível seja qual for à área. Já participei de projetos sociais, de avaliações físicas em clubes, de atividades físicas de todo tipo, mas o que mais me despertou interesse e realização profissional foi a minha participação em dois projetos da universidade, “Identidade e (In)diferença: ciladas da exclusão” e “A Inserção da Educação Física para Meninos e Meninas em Situação de Risco Social” . Quando estava no segundo ano tive a oportunidade de ingressar no grupo que compunha ambos os projetos e de lá para cá, procuro me dedicar ao estudo das temáticas que permeiam as áreas da inclusão/exclusão social.

Durante esse período trabalhei com crianças e jovens em situação de “risco social” muitas questões foram surgindo, a que mais me inquieta é, se a Educação

¹ Associação de Meninos e Meninas de Curitiba é uma instituição comunitária sem fins lucrativos, filantrópica (ONG) fundada em 10 de julho de 1987. Está situada na Avenida Senador Salgado Filho, 1050 bairro Guabirota. Seu propósito é socializar crianças e adolescentes de 06 a 17 anos em situação de rua, “risco pessoal” e “social” de extrema carência econômica.

Física sob a perspectiva dos jogos cooperativos estava ou não contribuindo para a diminuição dos níveis de violência. Em consequência disto, decidi realizar esta pesquisa como forma de aprofundar nesta temática e questionar a minha própria atuação no campo profissional.

1.3 Objetivos da pesquisa

- Analisar através de entrevistas, com os educadores sociais da ASSOMA, sua percepção, quanto à contribuição da Educação Física na diminuição dos níveis de violência das crianças e adolescentes.
- Realizar um paralelo sobre a minha experiência prática com crianças em situação de “risco social” e as possíveis contribuições de atividades cooperativas e não excludentes na redução dos níveis de violência apresentadas na literatura.

2.0 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 Desigualdade social

A cada dia que passa a desigualdade social da população brasileira se agrava, com muitos não tendo nada e poucos detendo quase tudo, ficando grande parte do capital da sociedade concentrado em mãos de poucos, enquanto a maioria trava uma batalha para repartir o restante.

O Brasil continua com uma das cinco piores distribuições de renda do mundo, apesar de ter registrado aumento de IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) e melhoria de indicadores sociais. Segundo dados do Banco Mundial, os 10% mais pobres da população brasileira têm acesso a apenas 1% da riqueza do país. Ao mesmo tempo, os 10% mais ricos têm 46,7% da renda. Ou, ainda, os 50% mais pobres ficam com apenas 14,5% da renda. Metade dos brasileiros ganham só dois salários mínimos. No Nordeste a situação é ainda mais grave: 73% das pessoas com rendimento ou ocupadas ganham até dois salários mínimos. Nessa mesma região, apenas 4% da população ocupada ganha mais de R\$ 1.510. (PARAGUASSÚ, 2001, p. A7)

Esta partilha injusta, faz com que muitas pessoas sobrevivam em condições de extrema miséria, sendo estas, segundo Mascarenhas, Lobo, Oliveira (1999, p. 126) “excluídas de seus direitos básicos como a educação, alimentação, teto, vestuário, lazer, etc”. Esta miséria faz com que estas pessoas vivam à margem da sociedade, sem o direito à cidadania, vivendo em favelas, em casas de apoio, em abrigos, ou até mesmo na rua.

Em relatório preliminar produzido pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), a desigualdade de oportunidades entre as crianças brasileiras é revelada. Além da renda, o documento demonstra que raça, local de nascimento e até mesmo grau de escolaridade da mãe influenciam sobre as perspectivas de vida das crianças. A representante da Unicef no Brasil Reiko Niimi, afirma que as desigualdades estão disseminadas pelo país. “Em todas as regiões encontramos grupos excluídos, comunidades esquecidas, seja em grandes centros da região sul, sudeste ou em pequenos municípios do nordeste”. Segundo ela “é preciso romper este ciclo vicioso em que as crianças crescem e transmitem aos seus filhos as mesmas limitações”. (FORMENTI, 2003)

2.2 Crianças e adolescentes em situação de “risco social”

As crianças e adolescentes da camada de baixa renda são vistos pela sociedade como marginais, delinquentes e bandidos, representando perigo ao conjunto da população brasileira. Ao longo da história, esta população excluída, tem sido tachada das mais variadas formas, através de termos pejorativos, que tentam relacionar a sua condição de vida miserável (pobreza) a delinquência. Conforme Andrade (1999), estas pessoas recebem a designação de “menores”, que segundo Londoño (1991), citado pelo mesmo autor acima, esta designação “passou a refletir e indicar a estas crianças e adolescentes em relação a sua situação de abandono e marginalidade, além de definir sua condição civil e jurídica e os direitos que lhe correspondem”. Ou seja, eram crianças pobres sem a proteção moral e material dos pais, Estado e da sociedade. (SILVA, 2000)

Na década de 90, esta criança e o adolescente denominado pela sociedade como “menores”, recebem a designação de “meninos de rua”. Este termo levava em conta que sendo pertencentes à camada pobre da sociedade na maioria das vezes, passavam o dia na rua, retornando ao anoitecer para suas casas ou moravam na rua mesmo. (ANDRADE, 1999)

O que se deve ressaltar é que qualquer que seja a designação as crianças e adolescentes pobres brasileiros ao longo dos tempos, todas elas, segundo o mesmo autor acima, ao contrario de humanizar o tratamento destas, reforçam a sua exclusão social, não atendendo à finalidade de inclusão social, prevista no Estatuto da Criança e Adolescente (ECA).

As crianças e adolescentes em situação de risco social vivem em um meio de miséria e violência, sofrendo com as condições de saneamento básico inexistente, falta de água tratada e de energia elétrica, habitação precária, desestruturação familiar, fome, falta de agasalhos e cobertores, analfabetismo, desemprego etc, segundo Veiga e Faria Filho, citado por Silva (2000, p. 213) “em uma “cidade provisória” dos barracos, das cafuas e dos cortiços”.

Com relação à denominação de “menores abandonados” podemos citar a realizada por Ribeiro, citada por Paiva (1992, p. 66), que diz que “são aqueles que, na infância ou na puberdade, perambulam pelas ruas da cidade, nelas estabelecem suas relações sociais e se socializam numa espécie de “cultura marginal” que os coloca no limiar da delinqüência, realizam trabalhos eventuais e por vezes nela dormem, em geral mantendo vínculos de alguma natureza com suas famílias”. Ou seja, são crianças e adolescentes que possuem e não possuem famílias, mas todos se vêm de alguma forma desamparados pelos seus responsáveis, indo para rua com o consentimento dos mesmos, há procura geralmente de alguma renda que garanta a sua sobrevivência e a de sua família, obtendo-a através de pequenos furtos, vendas de balas nos semáforos, “laranjas” (pequenos traficantes), prostituição, mendicância, cuidador de carros, catador de lixo reciclável, etc. Confundindo-se aos olhos da população aos “menores infratores” termo utilizado aos menores de 18 anos, que cometem alguma transgressão da legislação brasileira, sendo comumente relacionada à pobreza, mas na verdade deveria servir para todos os menores indiferentemente a sua classe social.

Estas crianças e adolescentes deixam suas casas ou são abandonadas pelas mais variadas causas, entre as principais podemos citar por morte, desaparecimento, alcoolismo, narcose, psicose, prisão, prostituição dos responsáveis (pais), além é claro, dos maus tratos e abusos sexuais de toda espécie, bem como, pelo fascínio pelo mundo desconhecido e supostamente livre das ruas. (ALVIM e VALLADARES, citados por PAIVA, 1992)

Na ASSOMA, podemos verificar várias destas situações, dentre as principais estão a prostituição, as drogas, o abuso sexual e os maus tratos. As crianças são enviadas pelo Conselho Tutelar a ASSOMA, por serem obrigados por seus pais a se prostituírem e a vender drogas e a se submeterem as mais variadas formas de abuso sexual e abuso físico (agressão física). Tivemos relatos que dentro da instituição algumas crianças e adolescentes continuaram a sofrer as mesmas formas de violência, que sofriam na rua e dentro do ambiente familiar, vítimas de alguns educadores, que se defendiam atrás das máscaras de uma educação disciplinar e autoritária. Isto de certa maneira, gerava uma revolta nas crianças e adolescentes, pois eram violentados dentro

de instituições que deveriam ter o caráter de proteger e educar estes “menores abandonados”. A consequência disto era a exposição de sua revolta através da violência (agressão física), contra as outras crianças da instituição, contra os educadores e contra a própria instituição.

2.3 Instituições reeducadoras no Paraná e a ASSOMA

Foucault citado por Diez (1999) distinguiu que o diagrama disciplinar começa a existir como tecnologia social e que em dado momento e em condições favoráveis são utilizadas na educação como forma de controle social. O direito legalizado de “educar castigando” pela imposição da disciplina, ameniza as culpas da sociedade e demais instituições responsáveis pelo amparo e reeducação dos indivíduos pobres e ou transgressores.

Com o crescente número de crianças e adolescentes em situação de “risco social” nos grandes centros urbanos e pelo desconforto que estes causam aos olhos da elite dominante, criam-se sobre o pretexto de se regenerar e educar pelo trabalho, instituições “reeducadoras”.

Está aumentando a cada dia a sujeira no centro da cidade, isto se deve mais ao fato de várias crianças que os pais ficam em casa e mandam-lhes mendigar. A cada esquina encontram-se vários desses meninos fazendo baderna e sujando a cidade que está ficando impossível de se visitar. O presidente e as entidades deveriam arrumar um lugar para ficar estas crianças e lhes ensinarem a aprender a trabalhar. (Registros feitos em VEIGA e FARIA FILHO, citados por SILVA (2000, p. 214))

A criação destas instituições tinha como falso objetivo regenerar e reinseri-las socialmente. Mas na verdade não passavam de “quartos de despejo”, preparados para excluí-los da sociedade e não inclui-los como diziam fazer. Nas palavras de Silva e Costa (2003) “este modelo de inclusão serve muito mais para excluir, eis a cilada que reserva o tema inclusão/exclusão...”.

Segundo Silva (2000, p. 214) “as práticas ditas pedagógicas dessas instituições permanecem as mesmas desde o início do século, são oficinas de instrução totalmente desvinculadas dos ofícios ou destrezas exigidas pelo mercado de trabalho, que não cumprem outro papel, senão o de cansar os corpos e ocupar as mentes”. Ou seja, não

passam de meros passatempos com o objetivo de formar um cidadão acríptico e adestrado que siga as normas de controle que interessam à elite dominante que em nenhum momento se preocupa em buscar soluções que realmente atinjam esta problemática social.

No Paraná, as instituições de reeducação e de assistência utilizando o modelo nacional, também estabeleceram “a incitação ao arrependimento da pobreza por ser despossuída, e conseqüente atitude de vergonha e agradecimento à caridade, à filantropia e ou ao altruísmo dos mais favorecidos”. (DIEZ, 1999)

No início do século XIX a disciplinarização da pobreza passa a ser legalizada, em Curitiba as congregações religiosas alegando dar assistência e educação aos imigrantes europeus pobres que aqui chegaram, receberam estrutura física além de outros privilégios do Estado, no entanto substituíam gradativamente os pobres por alunos pagantes. O Hospital Nossa Senhora da Luz, um dos primeiros de Curitiba (1903), era utilizado como orfanato para crianças pobres, menores sob júdice, além de prestar atendimento médico a portadores de anormalidades mentais. Em 1922, com objetivos similares é criado o asilo São Vicente de Paula através da lei Estadual nº 3.005 de 25 de Março e de um convênio entre O Estado e o Instituto das Irmãs Passionistas de São Paulo da Cruz que abrigava “menores desatinados, drogados, delinqüentes, pervertidos decrépitos e vagabundos”. (DIEZ, 1999)

Com o crescimento da pobreza, houve o avanço da legislação sobre a infância “vadia, viciosa e anormal” (pobre), o Estado cada vez mais subsidiando com terrenos, edificações, recursos financeiros e até mesmo humanos as instituições “seqüestradoras, assistenciais ou correccionais de reeducação” que aumentam a partir de 1920.

“As aspirações do governo para as crianças pobres era a de educação, profissionalização (rural), disciplinarização e utilidade social, através da educação física, moral e cívica, operacionalizadas por instituições adequadas”. (DIEZ, 1999, p. 125)

Um dos exemplos mais perversos nessa época no Paraná foi à chamada Escola de Pescadores Antônio Serafim Lopes, na ilha das cobras que até os dias de hoje é lembrada como “Mansão do Diabo”, devido à disciplina severa e aos maus tratos

impostos aos menores, reproduzidos pelos princípios do governo Republicano onde a questão social (pobreza) era tratada como caso de polícia.

Em 1925 no governo de Caetano Munhoz da Rocha inicia-se o movimento para proteção do menor, através da criação de juízos de menores, organizando os Abrigos e Escolas de Preservação que para regenerar os “menores vadios e delinqüentes” crianças pobres, usavam práticas pedagógicas e assistências ordenadas pelos magistrados. A correção se dava na educação pelo trabalho e exercícios físicos usando para isso o ensino prático estabelecendo uma estratégia disciplinadora.

Ou seja, segundo Diez (1999, p. 129):

A profissionalização de crianças e jovens pobres, como estratégia disciplinadora, foi de uso tão intenso e freqüente, que fragmentos de relatos de algumas instituições são facilmente confundidos com os de outras. Além disso, o discurso sobre a criança pobre como vagabunda, as propostas de correção através de educação pelo e para o trabalho e as práticas de enquadramento em um padrão, exercícios físicos e ensino prático (oficinas, agricultura, etc.) foram homogeneizadas de forma à obtenção de similaridades tais que dificultam ao pesquisador a identificação na história, de seus cenários institucionais.

As escolas reeducadoras masculinas ou femininas, mesmo tratando a pobreza como crime que deve ser castigado, num primeiro momento foram concebidas para educar os menores, no entanto com o crescimento da pobreza no Brasil e no Paraná a preservação do menor como objetivo deixa de ser atendido para servir de verdadeiros “depósitos” de menores rotulados inicialmente de “problemas de conduta” e, mais tarde “infratores” e “delinqüentes”. A maioria destas instituições não diferenciava estes menores e sua situação de conduta, o que facilmente aliada às condições destes locais contribuía para a inversão destes objetivos, se transformando em “abrigos”, “escolas” formadoras da delinqüência juvenil. Os procedimentos legais também conduziam para isso, pois cabia ao promotor de justiça denunciar ao menor para proteger a sociedade estabelecendo um processo contra ele, mesmo já existindo na lei procedimentos especiais para seu tratamento.

Entre estas instituições reeducadoras, podemos citar a ASSOMA, Associação de Meninos e Meninas de Curitiba, uma Organização Não Governamental, de caráter filantrópico, mantida atualmente através de recursos financeiros proveniente do Rotary Club de Curitiba, que tem como objetivo a “reeducação” e “reinserção social” de crianças e adolescentes em situação de “risco social”. A instituição oferece oficinas

profissionalizantes nas áreas de padaria, horta, jardinagem, confecção, cerâmica, cozinha, lavanderia e serigrafia. Além das oficinas da brinquedoteca e da construção que estão voltadas às crianças de seis à oito anos que tem como objetivo a adaptação das crianças as rotinas da instituição, bem como, sua inserção no ensino fundamental e nas outras oficinas. Além das oficinas existe dentro da ASSOMA, uma escola de pré a 4ª série do 1º grau, a qual possui colaboração da prefeitura municipal de Curitiba, que cede os professores. A instituição ainda oferece algumas atividades extras como a recreação e a música.

Com relação ao quadro de funcionários a ASSOMA conta com educadores sociais (responsáveis por ensinar as profissões às crianças), pedagogas, assistentes sociais, administradores e diretores.

A instituição recebe o auxílio de acadêmicos de Nutrição e Odontologia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná e de acadêmicos de Terapia Ocupacional e de Educação Física da Universidade Federal do Paraná.

As crianças e adolescentes são distribuídos em dois períodos, manhã e tarde, ou seja, aqueles que estudam de manhã, participam das oficinas à tarde, e as que estudam à tarde, freqüentam as oficinas pela manhã. Com exceção das crianças menores, todas devem estudar para poder participar das oficinas. Todas as crianças que freqüentam a instituição, antes de iniciar as atividades tomam banho e se alimentam (café da manhã ou almoço), os cardápios são elaborados por acadêmicos de Nutrição. Após as refeições estas se dirigem às oficinas ou às salas de aula, onde realizam atividades de cunho profissionalizante. Participam ainda de algumas atividades de recreação e música, ministradas pelos acadêmicos da Universidade Federal do Paraná ou pelo professor de Educação Física da instituição e pelo professor de música.

As crianças recebem da instituição uma bolsa auxílio no valor de R\$ 56,00 e o vale transporte referente ao seu deslocamento, sendo que, a bolsa tem seu valor reduzido conforme o comportamento das crianças, ou seja, se elas faltam ou transgridem as regras impostas pela instituição, estas são descontadas no valor de sua bolsa, a verdade é que nenhuma criança recebe o valor integral.

Para a realização da recreação, a instituição dispõe de dois espaços, uma quadra de cimento coberta e uma cancha de areia. Quando iniciamos o trabalho os materiais e as instalações eram precárias: a quadra de cimento encontrava-se muito avariada, as suas marcações estavam apagadas, as traves estavam quebradas, as cestas de basquete não existiam, pois devido à ferrugem haviam caído. A quadra de areia estava cheia de pedras e cacos de vidro o que poderia promover acidentes e os materiais eram escassos. Neste ano de 2003 estes espaços foram reformados e isto facilitou o encaminhamento das atividades. Com a nossa inserção na instituição pudemos submeter o projeto aos órgãos públicos e obtivemos recursos para compra de material esportivo para o desenvolvimento do nosso trabalho e demais atividades recreativas na instituição.

2.4 Violência e crianças e adolescentes em situação de “risco social”

Uma grande parcela da população brasileira é vítima da exclusão social, sendo deixada de lado, sofrendo com a falta material e com as desigualdades políticas e jurídicas. Os direitos destes cidadãos são diferentes daqueles que dominam o país, e os deveres também, contrariando a constituição brasileira. Segundo Barretto (1992, p. 55), “a maioria da juventude é excluída da participação política e do processo de produção econômica, social e cultural por não ter acesso à educação básica e, em menor número, por buscar no caminho do crime um sucedâneo para frustração social”.

As crianças e adolescentes em situação de “risco social” bem como as crianças e adolescentes de baixa renda são vítimas de uma educação precária e de má qualidade, que sofre com a falta de material e estrutura e com a falta de recursos humanos (professores, educadores, etc) qualificados para ensiná-los. Além é claro, de ser mais voltada para sua inserção no mercado de trabalho, ou seja, educação profissionalizante, do que a transmissão de valores humanos como respeito, companheirismo, etc.

Na ASSOMA podemos constatar esta educação profissionalizante a serviço do sistema de produção capitalista, nela as crianças e adolescentes participam de oficinas

que tem como finalidade prepará-las para o trabalho. São oficinas como horta, jardinagem, padaria, lavanderia, serigrafia, cozinha e cerâmica.

Esta preparação rápida para o trabalho bem como programas de complementação alimentar proporcionados pelo governo têm como objetivo minimizar as profundas carências da população de baixa renda, mas na verdade, servem para perpetuar sua situação de miséria, mantendo o jovem desempregado ou subempregado, refém de baixos salários, aumentando assim a possibilidades destes jovens, adolescentes e crianças ingressarem no mundo do crime, da prostituição e da mendicância. (ZALUAR, 1992)

O que se observa é que a violência e a educação estão intimamente ligadas, segundo Barretto (1992, p. 55),

Tanto a crise da educação quanto o crescimento da violência no país tem uma relação específica, ambas as crises retroalimentando-se mutuamente e tornando suas respectivas soluções mais problemáticas. Não são, portanto, temas que devem ter tratamento analítico diferenciado, cada um condenado a compartimentos estanques, mas uma reflexão integrada, necessariamente multidisciplinar, onde possam ser discutidos em suas natureza específica, na sua abrangência e inter-relacionamento.

Ou seja, esta educação descaracterizada de valores humanos e culturais, com objetivo de instrução técnica rudimentar e preparação para o trabalho leva a população à perda da ética e da moral do ser humano e como consequência a um aumento na criminalidade e na violência, pois conceitos como harmonia, paz, perseverança são deixados de lado. Segundo Arendt citado por Barretto (1992, p. 56), “perdeu-se o elo da tradição, que assegurava a transmissão de conhecimentos técnicos e, principalmente, dos valores fundantes da vida em sociedade”.

No caso de crianças e adolescentes em situação de “risco social” perdeu-se duplamente pois além da escola e das instituições reeducadoras se esvaziarem destes conhecimentos, a família outra encarregada de transmiti-lo também o nega, pois a desestrutura familiar, freqüente nesta população, tendo como consequência à falta de amparo, em razão das crianças e adolescentes passarem seu maior tempo na rua ou seus pais e responsáveis trabalharem o dia todo, não havendo comunicação entre eles. Ou também, pelos pais negligenciarem a educação de seus filhos bem como a maioria

destes garotos e garotas não freqüentarem as entidades que teoricamente teriam o papel de transmitir tais conhecimentos.

O sistema educacional absorveu influências marcantes e foi modificado em conseqüências de mudanças na esfera política e social. O conceito de autoridade entrou em xeque, pois no pensamento político, ele se fazia contraditório, se por um lado à autoridade era necessária, por outro poderia enfraquecer a legitimação das democracias modernas. Esta contradição gerou a perda da autoridade, tanto na esfera política como na esfera privada, sendo esta contestada na família e na escola (BARRETTO, 1992).

Para Barretto (1992, p. 59), “a educação serve, portanto na sociedade dialógica de Habermas, como fonte de pensamento crítico – aquele que permite modernizar e inovar – e independente – aquele que pode contestar instituições e verdades estabelecidas”. Foi nesta perspectiva, que pautamos nossa intervenção educacional na ASSOMA procurando formar um cidadão crítico, que fosse capaz de primeiro ter consciência de suas possibilidades, adquirindo autoconfiança para refletir e contestar o sistema que lhe é imposto.

Para o mesmo autor acima:

Quando se analisam os efeitos dessas políticas “a-valorativas”, voltadas para atender às hipóteses economicistas e do mercado de trabalho na grande massa da população brasileira constatamos o grau de exclusão social atingido no Brasil através da Educação. Excluem-se da escola os que não conseguem aprender; excluem-se do mercado de trabalho os que não tem capacitação técnica, por que antes não aprenderam a ler, escrever e contar; excluem-se, finalmente, do exercício da cidadania esses mesmos cidadãos porque não conhecem os valores morais e políticos que fundam a vida de uma sociedade, livre, democrática e participativa.

Para melhorar a questão do “menor” , como cita Zaluar (1992), cabe ao Estado dar condições para ele freqüentar a escola, mas uma escola de boa qualidade, que esteja preocupada com a sua formação integral e não com uma educação adestratória.

A crise da Educação brasileira e o fracasso da escola, bem como a pobreza, já citada anteriormente, se constituem em meio propício para o desenvolvimento da violência.

Segundo Barretto (1992, p. 60),

Quando nos referimos à violência, é necessário distinguir diferentes graus e aspectos: ela se encontra na violência manifestada através do pensamento, passando por aquela inserida no sistema de produção das sociedades industriais e chegando à violência do crime de rua vulgarizado em sua brutalidade em grandes concentrações urbanas do mundo contemporâneo.

Segundo Weil, citado pelo mesmo autor acima, a violência contemporânea é irreduzível ao discurso, ou seja, vê-se a entrada da violência na cultura da sociedade, em consequência da falta ou negação do diálogo como fonte de conhecimento entre os homens.

Cabe ressaltar ao meu ver neste momento, que este pode ter sido o aspecto mais importante na diminuição da violência das crianças e adolescentes da ASSOMA, pois o diálogo se fazia presente em todos os momentos da atividade, ou seja, as crianças tinham a liberdade de opinar e dialogar com os acadêmicos quando quisessem, diferentemente do que acontecia em algumas oficinas, onde elas tinham que se manter caladas sem poder opinar.

2.5 A Educação Física e as crianças e adolescentes em situação de “risco social”

A Educação Física proposta pelo projeto visa à formação crítica e criativa das crianças em situação de “risco social”, uma educação preocupada com a reflexão quanto à sua própria realidade, e não uma educação hierárquica, conservadora, utilitária e disciplinar. Ou seja, segundo Mascarenhas, Lobo e Oliveira (1999, p. 1127) “deve-se buscar, no desenrolar de toda ação educativa, a construção de um sujeito crítico que compreenda a sua história na própria História, o que lhes proporcionará transformar a si mesmo, as suas circunstâncias de vida e o mundo que os rodeia”.

O projeto desenvolvido pelos acadêmicos de Educação Física da Universidade Federal do Paraná na Assoma estimula à participação espontânea, a cooperação, a criatividade, a aprendizagem em grupo, a valorização da auto-estima e o espírito de cooperação, através de atividades de expressão corporal, jogos cooperativos e brincadeiras que eram escolhidas e desenvolvidas de acordo com a opinião das crianças e com a nossa mediação. Utilizando-se desta metodologia participativa e reflexiva buscava-se exercitar a autonomia e o poder argumentador das crianças e

adolescentes desta instituição e desta forma elevar a sua auto-estima, respeitando suas experiências, desejos e necessidades.

Para os autores citados anteriormente acima, quando falamos de qualquer intervenção que se faça na área da Educação Física com meninos e meninas de rua, devemos "procurar construir um ambiente onde sejam proporcionadas condições a estas crianças para que se sintam capazes, em meio às praticas corporais de refletir sobre a realidade em seus múltiplos aspectos (econômicos, sociais, culturais e educacionais), além de estimular seu autoconhecimento e o reconhecimento de sua imagem corporal no sentido do resgate e afirmação da sua própria identidade".

4.0 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Através das informações foi possível observar que o projeto contribuiu para mudanças no comportamento das crianças, mas elas não ocorreram só fruto do trabalho dos acadêmicos e sim da contribuição de cada uma das pessoas que trabalhavam com as crianças.

A principal ação do projeto que fez com que melhorasse o comportamento violento das crianças foi a forma como as tratava. Quando começou a se inserir na instituição, era visível o tratamento diferencial priorizado pela coordenadora da instituição, ou seja, era pedido aos funcionários e educadores que mantivessem uma certa distância das crianças, evitando se envolver e criar qualquer tipo de afetividade. Para que obtivesse êxito, a coordenadora da instituição falava que ao abraçar ou se aproximar das crianças os funcionários e educadores poderiam pegar sarna e outros tipos de doença. Ela preconizava também que fosse mantida uma certa diferença entre os funcionários/educadores e as crianças. Deveria ficar clara a figura do educador e dos funcionários como superiores na escala hierárquica da instituição em relação às crianças, não podendo elas se pronunciar ou exporem suas opiniões, ou seja, deveria funcionar da seguinte maneira: os educadores ordenam e as crianças obedecem.

Conosco não foi diferente, no início de nosso trabalho, a coordenadora da instituição pediu que tomássemos o mesmo “cuidado” e seguissemos as mesmas orientações dadas aos educadores e funcionários da instituição. Mas como o nosso projeto tinha um intuito completamente oposto daquele priorizado pela instituição, procuramos implantar nossa forma de trabalho sem nos confrontarmos com a forma de trabalho imposta pela instituição, porém aos poucos e ao longo do tempo fomos tentando modificar esta visão tradicionalista colocada pela instituição.

A nossa metodologia de trabalho permitia que as crianças se aproximassem o máximo possível de nós acadêmicos, criando vínculos muito fortes entre nós e elas. Nas nossas atividades as crianças opinavam e expunham suas vontades, neste caso escutávamos suas vontades, necessidades e desejos. Ao permitir e promover o diálogo em nossas atividades estávamos contribuindo para que as crianças diminuíssem seus

níveis de violência, pois segundo Weil, citado por Barretto (1992), a violência é resultado da negação ou da falta do diálogo.

Muitas foram às falas dos educadores apontando o nosso vínculo e o nosso tratamento com as crianças, dentre estas podemos citar um trecho da entrevista feita com o educador Anselmo¹: “o projeto comunitário de vocês, olha foi muito gratificante, por exemplo, porque diminuíram as brigas, as atividades de vocês muito direcionadas, tem disciplina, vocês conseguiram por aquela disciplina, vocês criaram um vínculo bom com as crianças e as brigas aqui diminuíram muito na oficina, na escola em geral, na hora do recreio...” ou na seguinte passagem “... mas o projeto olhe, a gente às vezes que tem aquela preocupação por causa das brigas, a gente vê que diminui, que melhorou muito isso nas crianças, então o projeto foi muito bom!”.

Como podemos perceber na fala do educador Anselmo, em vários momentos ele aponta para uma diminuição das brigas e conseqüentemente da violência no ambiente institucional, isto segundo suas palavras é resultado da disciplina e do vínculo que o projeto conseguiu com as crianças. Mas cabe ressaltar aqui que está disciplina conseguida pelo projeto se deu através da confiança e do respeito mútuo (vínculo) junto a elas, ou seja, dentro das nossas atividades, como já foi citado anteriormente, todos podiam opinar e os problemas (as brigas, os descontentamentos, etc.) que apareciam eram resolvidos através da conversa (diálogo) e não através do método punitivo priorizado pela instituição. A punição só servia para agravar os níveis de violência, pois elas se sentiam excluídas e injustiçadas, gerando um descontentamento que aumentava cada vez mais a violência. Portanto, no momento em que o projeto tratava as crianças com respeito, carinho, paciência, amor e que interferia através do diálogo frente às situações surgidas durante as aulas, a nossa intervenção contribuía à diminuição dos níveis de violência.

Outra fala que pode apontar ainda mais a forma de tratamento adotada pelo projeto com as crianças é a feita pelo educador Sandro:

¹ Os nomes utilizados neste trabalho são fictícios.

“... como eu sempre notava no trabalho de vocês, é **carinho muito grande com as crianças, paciência com as crianças... tanto que as crianças vinham e abraçavam vocês**, e eu acho legal isso porque é como eu falei elas não tem isso, então elas se sentem à vontade em **vocês deixarem elas abraçarem vocês, as meninas que vinham também faziam um trabalho legal aqui, beijo, abraço, tal é uma forma de carinho é uma forma importante também das crianças sentirem isso**, isso é uma das questões que vão sendo passadas para as crianças e elas vão adquirindo esse conhecimento, esse amor, essa coisa que vai pegando e vai melhorando no dia-a-dia. Porque ninguém vai mudar completamente a vida de uma criança de uma hora para a outra, tem que ser com pequenos atos, e isso vai ficando no subconsciente delas, então de repente elas podem pegar isso para ter como exemplo ou tentar seguir alguma coisa que vocês passaram para elas, então cada vez que vem alguém aqui que faz um trabalho com as crianças, é ótimo contribuí”.

Novamente o educador Sandro, cita a forma de tratamento dado pelo projeto as crianças como sendo a principal razão vista por ele para a modificação no comportamento e na melhora de seu inter-relacionamento. Pois para ele o projeto tratava as crianças com muito carinho e respeito, os acadêmicos interagiam diretamente com as crianças, sem criar barreiras entre eles e elas, todas tinham suas vontades e diferenças respeitadas, tendo a liberdade de sugerir e de criticar o que estava sendo passado. Durante as atividades os acadêmicos tentavam se aproximar o máximo possível, através de abraços, apertos de mão e atividades de contato corporal, participando juntamente com as crianças nas atividades, criando uma relação de vínculo muito forte.

As crianças sentiam a diferença com que eram tratadas pelos acadêmicos, em contraste com o tratamento dado por alguns funcionários e principalmente pela coordenadora da instituição, retribuindo o carinho e a atenção, através da participação na aula, com disciplina e respeito para com seus companheiros, diminuindo assim sua agressividade e aumentando a sua auto-estima o que contribuía para as mudanças de comportamento relatadas.

As experiências proporcionadas pelos jogos cooperativos e pelas brincadeiras, bem como o tratamento utilizado com as crianças na qual a ação educativa buscava desenvolver e considerar a criança em sua integralidade e particularidades, permeou as falas dos educadores², contribuindo para o processo, como citam Mascarenhas, Lobo e

² Entrevistas na integra em anexo.

Oliveira (1999), de autoconhecimento e crítica levando as crianças ao resgate e afirmação de sua própria identidade no mundo em que vivem.

Segundo Bee (1984, p. 368),

As crianças que mostram desordens de conduta (agressividade, delinquência ou equivalente) normalmente pertencem a famílias em que os próprios pais são desajustados e arbitrários ou inconsistentes na disciplina das crianças. Os pais usam muita punição física com os filhos, brigam muito entre si e faltam calor e afetividade no relacionamento com os filhos. De fato, os pais de crianças extremamente agressivas freqüentemente demonstram hostilidade e rejeição a elas. Em muitos dos casos, elas (como as esquizofrênicas) não têm ligação afetiva básica e segura. Mas, o que é mais importante, através da observação e reforçamento direto, essas crianças aprendem um padrão altamente agressivo e violento com os outros. As crianças que foram fisicamente maltratadas por seus pais freqüentemente maltratam os seus próprios filhos e assim o padrão é passado de geração em geração.

Se buscarmos algumas passagens das entrevistas feitas com os educadores, podemos observar que em vários momentos eles citam as contribuições do projeto no reforçamento de comportamentos não agressivos e violentos. Um exemplo disto é a fala de Sandro:

A forma carinhosa que vocês tratavam elas, quer dizer isso, vai ficando no subconsciente dela e ela vai vendo que não é, chegam pessoas de fora que, por exemplo, vocês entre alunos, entre colegas nunca tiveram encrenca pelo menos que nós tivéssemos visto aqui na frente, é lógico, então isso vai ao subconsciente dela vai entrando que a vida é diferente, não é só briga, eu tento passar muito isto para eles dentro da oficina, então eu acho que o trabalho de vocês contribui muito para ser mais um motivo pras crianças terem aí se dando bem, servindo de exemplo para eles.

Se somarmos a este fator, afetividade, a não rejeição e a não punição física presentes em nossas atividades com as crianças podemos dizer com base em Bee (1984) e nas informações contidas nas entrevistas, que o projeto contribuiu para melhorar a auto-estima das crianças, o que foi fundamental para as mudanças de comportamento apresentadas, bem para a diminuição da violência. Podemos notar estas afirmações na fala do educador Roberto:

Dá para ver que eles queriam se valorizar mais assim principalmente as meninas maiores queriam se vestir melhor e tudo mais teve uma mudança no comportamento deles bem notável. Não fui só eu que notei, muita gente notou, então a presença de vocês quando tinha

o dia de vocês da recreação muitos deles diziam: “eles vem hoje?”, “a gente vai ter recreação com eles?”.

O projeto contribuiu para diminuir a carência afetiva das crianças, melhorou sua auto-estima, promoveu experiências que serviram de modelo positivo de comportamento, fez alguns educadores refletir sobre sua prática junto às crianças. Enfim, se considerarmos as minhas experiências, o referencial teórico e as informações das entrevistas, vemos que os resultados apontam para a diminuição dos níveis de violência das crianças e adolescentes da ASSOMA.

5.0 CONSIDERAÇÕES

O estudo tinha como objetivo analisar através de entrevistas com os educadores se o projeto trouxe contribuições para uma melhora no comportamento das crianças e adolescentes da ASSOMA, no que tange a violência. Procurou-se também, realizar um paralelo sobre a minha vivência prática com crianças em situação de “risco social” e as possíveis contribuições de atividades cooperativas e não excludentes na diminuição da violência apresentadas na literatura. Após o término da pesquisa e conseguinte análise das informações obtidas foi possível chegar as seguintes conclusões:

- A inserção da Educação Física no contexto de crianças e adolescente em situação de risco social quando trabalhada numa perspectiva cooperativa e de formação de valores humanos, no caso estudado e na visão dos educadores o projeto contribui para a diminuição dos níveis de violência, pois estimula na criança a sua participação espontânea, a cooperação, a criatividade, a aprendizagem em grupo e elevação da auto-estima, fatores estes indispensáveis para a formação integral de um cidadão.
- A educação é o principal instrumento que a sociedade democrática moderna possui para controlar e diminuir a violência.
- Escassez de estudos e práticas dentro da Educação Física com crianças e adolescentes em situação de “risco social”.
- Os principais fatores desencadeantes da violência em crianças e adolescentes em situação de “risco social” são a desigualdade social, a precária educação, a desestruturação familiar e a exclusão social.
- Mudança na minha forma de perceber e entender a realidade de vida das crianças e adolescentes em situação de “risco social”, na atuação profissional e na visão de mundo.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Marcelo Pereira de. A Educação Física e a questão da criança e adolescente em situação de risco no Brasil. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Ijuí, v. 21, n. 1, p. 1149-1151, set. 1999.
- BARRETTO, V. Educação e violência: reflexões preliminares. In: ZALUAR, Alba (Org.). **Violência e educação**. São Paulo: Livros do Tatu / Cortez, 1992. p. 55-64.
- BEE, Helen. **A criança em desenvolvimento**. 3. ed. São Paulo: Harper & Row do Brasil, 1984.
- CORRÊA, Mariza. A cidade de menores: uma utopia dos anos 30. In: FREITAS, Marcos Cesar de. **História social da infância no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1999. p. 77-93.
- DIEZ, Carmem Lúcia Fornari. Escolas de reeducação do Paraná: da assistência à pobreza não disciplinarizada, à constituição do 'arquipélago carcerário'. In: FARIA FILHO, Luciano Mendes de. **Pesquisa em história da educação: perspectivas de análise, objetos e fontes**. Belo Horizonte: Edições Horta Grande, 1999. p. 123-144.
- FORMENTI, Lígia. Unicef mostra desigualdades na infância. **Estado de São Paulo**. São Paulo, 30 jun. 2003.
- MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1990.
- MASCARENHAS, Fernando; LOBO, Pitias Alves; OLIVEIRA, Renato Mendes de. Lazer e educação: intervenção e conhecimento com meninas e meninos de rua na cidade de Goiânia. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Ijuí, v. 21, n. 1, p. 1126-1129, set. 1999.
- NORONHA, Flávia Dayana A.; VILELA, Francisca Pereira; SOARES, Rosângela Oliveira. Projeto agente – casa de flores: uma proposta de intervenção pedagógica na realidade de meninas em situação de rua/prostituição na cidade de Goiânia. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Ijuí, v. 21, n. 1, p. 1111-1114, set. 1999.
- OLIVEIRA JÚNIOR, Constantino Ribeiro. Lazer e meninos de rua: um diálogo com o problema. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Ijuí, v. 21, n. 1, p. 1097-1104, set. 1999.
- PAIVA, Vanilda. Violência e pobreza: a educação dos pobres. In: ZALUAR, Alba (Org.). **Violência e educação**. São Paulo: Livros do Tatu / Cortez, 1992. p. 65-101.

PARAGUASSÚ, Lisandra. A distribuição de renda. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 11 jul. 2001. p. A7.

PERALVA, Angelina. **Violência e democracia: o paradoxo brasileiro**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

SILVA, Carmem Andréa da. Adolescentes infratores: cor, pobreza e discriminação. **Educação em Revista**, Belo horizonte, n° especial, p. 209-223, set. 2000.

ZALUAR, Alba. Exclusão social e violência. In: ZALUAR, Alba (Org.). **Violência e educação**. São Paulo: Livros do Tatu / Cortez, 1992. p. 37-54.

ANEXOS

ENTREVISTAS NA ÍNTEGRA

Entrevista 01

Entrevistador – há quanto tempo você trabalha na ASSOMA?

Entrevistado – já vai fazer quatorze anos, desde 1989.

Entrevistador – você gosta de trabalhar na ASSOMA?

Entrevistado – gosto, gosto de trabalhar, aqui me sinto como se estivesse em casa.

Entrevistador – Qual é a sua atividade, qual é a sua função, o que você faz na ASSOMA?

Entrevistado – minha função aqui é de educador social, é eu tive a oportunidade de ser educador de duas oficinas, no setor de padaria (panificação), os meus primeiros cinco anos na ASSOMA foi educador da padaria, aí foi aumentando a produção e daí foi contratado profissionais para fazer a produção, daí foi contratado um outro educador para assumir a padaria e daí a escola necessitava de manutenção nos jardins, a gente sempre estava requisitando trabalhos fora para fazer está jardinagem, aí eu me prontifiquei em assumir está oficina, pois era uma coisa que eu gostava de fazer, mexer com as plantas, com os jardins, dava pra abrir caminho para crianças de várias faixas etárias, por exemplo lá na padaria eram crianças só de quatorze, quinze, dezesseis anos e na jardinagem era para todas as idades, crianças de seis, sete, oito, dez, quatorze anos, então eu via que eu poderia contribuir mais com a instituição e pra mim também era muito bom pois era uma coisa que eu gosto da jardinagem.

Entrevistador – como você vê as crianças da ASSOMA?

Entrevistado – eu vejo as crianças da ASSOMA, assim aquela carência afetiva muito grande, as crianças elas criam vínculo muito fácil com as pessoas, elas se apegam muito as pessoas, aos educadores, eu acredito até que aqui realmente eles encontram um carinho, alcançam aqui o entendimento pras dificuldades deles, até pela desestrutura que existe na família da maioria das nossas crianças e aqui eles encontram na gente um alicerce pra vidinha deles, algo positivo, porque sempre alguém tem alguma coisinha boa para passar pra eles, independente da formação das pessoas, as pessoas sempre procuram passar coisas boas para crianças, e a gente vê no dia a dia

que essa carência afetiva, a gente atribui com carinho dentro da própria atividade que a gente desenvolve, conversando no dia a dia, eu vejo eles assim com aquela necessidade de carinho.

Entrevistador – Por que você acredita que elas sejam tão violentas?

Entrevistado – eu acho que por caso do meio que elas vivem, o meio que elas vivem realmente é muito violento, dias de hoje, aquela abertura da segunda-feira, como que foi a semana, o que aconteceu, sempre eles trazem coisas do dia a dia, que a gente às vezes tem que dar uma atenção tem que escutar uma coisa que ele viu, que ele vivenciou, por mais que a gente às vezes queira com jeitinho querer mudar do assunto que um morreu, o outro foi violentado, ou a polícia bateu, aquele tráfico que existe, que eles estão vivenciando no dia a dia, então o dia a dia deles é realmente muito violento, então de uma certa forma eles tão vendo aquilo ali e trazem, então a gente vai pondo na medida do possível coisas boas, passando coisas boas através do esporte, da educação, da atividade, traz coisas boas da família da gente, dá exemplos bons, tenta fazer o melhor por eles, mas a violência que eles tem é porque eles tão no meio, é o meio que eles vivem.

Entrevistador – é uma resposta do meio.

Entrevistado – é uma resposta do meio.

Entrevistador – como você vê o projeto?

Entrevistado – o projeto comunitário de vocês, olha foi muito gratificante, por exemplo, porque diminuíram as brigas, as atividades de vocês muito direcionadas, tem disciplina, vocês conseguiram por aquela disciplina, vocês criaram um vínculo bom com as crianças, e as brigas aqui diminuíram muito na oficina, na escola em geral na hora do recreio, eles tão se organizando para fazer algumas brincadeiras que o projeto trouxe para a escola, aquelas regras que vocês fazem ali então eles tão sabendo esperar sua vez, por exemplo, vão bater bola, vão jogar bolinha porque é o forte da escola aqui é o futebol acho que ta nas crianças essa coisa do futebol mas de repente resolvesse não jogar futebol, resolvesse jogar um vôlei, um míni futebolzinho fazer uma atividade diferente e eles participam do caçador e outras atividades sabe, mas o projeto olhe, a

gente as vezes que tem aquela preocupação por causa das brigas, a gente vê que diminuiu que melhorou muito isso nas crianças, então o projeto foi muito bom.

Entrevistador – você já falou bastante sobre essa relação, mas eu vou explorar um pouquinho mais, e a relação projeto e a violência das crianças, como você percebeu dentro da tua oficina no dia a dia, houve mesmo essa diminuição nos níveis de violência? E pela sua percepção por que?

Entrevistado – eu acho né eu acho que eu não acho, eu acho que estou afirmando é porque a maneira que vocês conseguiram conduzir essas coisas na cabecinha das crianças, essa coisa da participação em grupo, vocês fazem uma atividade ali e não é um que vai ganhar é o grupo, entendeu, então veja bem as crianças elas sempre queriam ser as primeiras queriam ganhar é vão pular corda para ver quem pula mais, não você monta a equipe, se ganha a equipe, então a gente tira lições até pra oficina, oh, aqui não tem o melhor aluno aqui todos são bons, essa coisa que vocês trabalham na brincadeira de vocês, quem perde não sai da brincadeira, continua na brincadeira, ele não é excluído da brincadeira, então eu já observei o projeto fazer brincadeiras ali, quem não senta lá na cadeirinha na hora da dança lá com a musica, vocês não excluem ele, ele continua brincando entendeu, então é uma coisa assim muito, o projeto realmente ele trouxe uma coisa positiva mesmo para a escola, para as oficinas , então vi isso com muita gratificação mesmo.

“Em nome da escola eu quero agradecer o projeto e a vocês e principalmente esse vinculo que vocês criaram com as crianças, as crianças ficam ansiosas quando vocês vêm aqui fazer suas atividades, e ganhou a escola e ganhou as crianças com a vinda do projeto aqui!”.

Entrevista 02

Entrevistador – há quanto tempo você trabalha aqui na ASSOMA?

Entrevistado – dois anos, fiz agora dia 18 de julho.

Entrevistador – e qual sua função aqui na ASSOMA?

Entrevistado – eu me formei técnico agrícola em Ponta Grossa e tenho o curso técnico em agropecuária e aqui na ASSOMA eu trabalho como educador social na parte da horta, faço um trabalho com os meninos voltado mais para o lado da horta.

Entrevistador – na sua percepção como você vê as crianças da ASSOMA?

Entrevistado – bem, as crianças da ASSOMA, cada criança é uma oportunidade que a gente tem, cada criança é uma chance que você tem de mudar, as crianças da ASSOMA são muito carentes tanto do lado financeiro como do lado afetivo a maioria delas, são crianças que você tem que trabalhar, porque elas não têm o básico que é a educação, lógico, que a gente não pode generalizar tudo, mas falta um pouco de família para elas, e o que a gente sente é que você acaba muitas vezes sendo o exemplo para eles e acaba fazendo um trabalho mais do lado de família, que é uma coisa que eles não tem, eles sentem falta disso a maioria, lógico que não são todos.

Entrevistador – você acredita que esse lado família que falta para eles, a educação pode ser um dos fatores que fazem com que as crianças se envolvam em atos violentos?

Entrevistado – talvez seja um dos fatores, porque eu tenho uma filha e eu vejo que a minha filha às vezes, ela tem um amiguinho e briga com a amiguinha dela, e eu passo para ela muito essa questão de família, então não é questão de não ter família que você acaba sendo violento, acho que a violência vem do próprio dia a dia, um ato de defesa, o que você tem que fazer é controlar essa violência que você tem, os nossos meninos aqui no caso na ASSOMA, que tem a violência mais aflorada porque eles vivem o dia a dia, sempre que eu falar não são todos, mas a maioria, vivem no dia a dia esse clima de violência, até pelo próprio lugar que eles moram, às vezes até pela família que eles tem, então a violência é uma coisa muito constante na vida deles, a falta da família influencia talvez na hora de você controlar essa violência, a minha filha quando ela briga eu converso com ela, e na maioria dessas crianças aqui da ASSOMA, ela não tem isso, então resolvesse tudo na briga, na violência, que é uma coisa que você tem que controlar, não é uma coisa que você vai acabar, não pense que você vai acabar com a violência na ASSOMA, que você tem que fazer é tentar controlar, diminuir.

Entrevistador – como você vê o projeto?

Entrevistado – eu acho que tem que ser assim oh, a contribuição de cada um é importante, nos não vamos sozinhos, eu sozinho ou você sozinho, modificar o comportamento das crianças, o que é importante é que tragam novidades para as crianças e como eu sempre notava no trabalho de vocês, é o carinho muito grande com as crianças, paciência com as crianças e carinho muito grande com as crianças, tanto que as crianças vinham e abraçavam vocês, e eu acho legal isso porque é como eu falei elas não tem isso, então elas se sentem à vontade em vocês deixarem elas abraçarem vocês, as meninas que vinham também faziam um trabalho legal aqui, beijo, abraço, tal é uma forma de carinho é uma forma importante também das crianças sentirem isso, isso é uma das questões que vão sendo passadas para as crianças e elas vão adquirindo esse conhecimento, esse amor, essa coisa que vai pegando e vai melhorando no dia a dia, porque ninguém vai mudar completamente a vida de uma criança de uma hora para a outra, tem que ser com pequenos atos, e isso vai ficando no subconsciente delas, então de repente elas podem pegar isso para ter como exemplo ou tentar seguir alguma coisa que vocês passaram para elas, então cada vez que vem alguém aqui que faz um trabalho com as crianças, é ótimo contribui.

Entrevistador – especificamente o trabalho feito por nós, você acredita, você que tem o contato dia a dia com as crianças, que esse trabalho serviu de alguma maneira para mudar o comportamento das crianças, ou seja, deixá-las menos violentas?

Entrevistado – contribui, porque é como eu falei, a forma carinhosa que vocês tratavam elas, quer dizer isso, vai ficando no subconsciente dela e ela vai vendo que não é, chega pessoas de fora que, por exemplo, vocês entre alunos, entre colegas nunca tiveram encrenca pelo menos que nos tivéssemos visto aqui na frente, é lógico, então isso vai ao subconsciente dela vai entrando que a vida é diferente, não é só briga, eu tento passar muito isto para eles dentro da oficina, então eu acho que o trabalho de vocês contribuiu muito para ser mais um motivo pras crianças tarem aí se dando bem, servindo de exemplo para eles.

Entrevistador – para dentro do teu trabalho, você acha que o trabalho da educação física te ajudou, te auxiliou, completou teu trabalho?

Entrevistado – talvez a gente não tenha tido um contato mais direto, talvez faltou um pouco mais de uma integração melhor, eu acho que poderia ter tido uma integração melhor, se questionava muitas vezes da presença do educador na aula de vocês, mas de repente se falava que a gente tinha que fazer alguma outra coisa, então não se tinha um critério definido para isso, mas o que eu acho que poderia ser melhorado se tivesse à integração do educador mesmo nas brincadeiras que vocês faziam, tivesse a presença do educador junto, as crianças gostam disso, elas gostam quando o educador perde, elas gostam de ganhar do educador, elas gostam da presença do educador ali brincando naquela hora de descontração, e isso é uma coisa natural, é mesma coisa quando você vai jogar futebol com teu professor você quer ganhar dele, ele é o teu professor e você quer ganhar dele, então cria essa àquela coisa de jogar de ter mais liberdade, de conversar de conhecer, de ver tem crianças que acham que o educador é um bicho de sete cabeças quando não é, aquela integração que eu acho importante, e faltou isso, acho que faltou vocês chegarem nos educadores e falar vamos participar junto, vamos lá ficar junto, brincar junto, eu acho que isso ia aproximar mais a turma, ia aproximar mais os coleginhas e o educador junto a turma e a turma junto ao educador.

Entrevistador – você acredita que neste tempo que o projeto teve aqui dentro, pelo que você observa das crianças, com relação à violência, você sentiu que as crianças ficaram menos violentas neste período, ou as crianças continuaram violentas, ou até aconteceu alguns atos violentos, mas a intensidade destes atos violentos foi menor, como você observou estes acontecimentos?

Entrevistado – fica difícil definir que foi exatamente vocês que diminuíram a violência, eu acho que houve uma diminuição de violência na ASSOMA, eu senti uma diminuição da violência, agora eu não posso dizer que foi vocês específicos os causadores, vocês contribuíram, vocês foram mais um empurrãozinho que a gente deu nesta questão da violência, o trabalho de todo mundo, mas o de vocês junto e se chegar mais gente vem, o pessoal da PUC vem faz trabalho também aqui, aqui na horta especificamente eu tenho a presença do pessoal das Faculdades Espírita e também da PUC, a gente faz um trabalho toda a quinta-feira com eles aqui, eu acho que isso contribui com certeza, cada grupo que vem para trazer carinho, para ajudar, diminui a

violência, é uma coisa que, se elas tão recebendo um abraço de vocês elas não tão dando cacetada no outro, quer dizer diminuiu com certeza.

Entrevista 03

Entrevistador – qual a sua função, o que você desenvolve aqui na ASSOMA?

Entrevistado – eu trabalho como educador social, na parte da cerâmica de moldes, aqui existem duas cerâmicas, a cerâmica do torno que é à parte do Carlos que é aquela cerâmica mais feita à mão, que você já deve ter visto, tem uma diferença da minha cerâmica, a minha cerâmica é com formas, com moldes, então é tirado a peça de dentro do molde, requer um acabamento à mão depois de tirado, então ele tem um processo bem artesanal também, mas tem uma certa diferença do torno, você viu ali como que é feito, aquele trabalhinho bem minucioso, feito a mão assim, então é essa parte minha de cerâmica de moldes.

Entrevistador – há quanto tempo você trabalha aqui na ASSOMA?

Entrevistado – olha, dia 15 de setembro vai fazer seis anos.

Entrevistador – seis anos.

Entrevistado – mês que vem, faz seis anos que eu to aqui como educador na parte de cerâmica.

Entrevistador – gosta de trabalhar aqui?

Entrevistado – gosto.

Entrevistador – como você vê as crianças aqui da ASSOMA?

Entrevistado – como outra criança qualquer, uma boa parte da maioria, apesar de onde vem, de onde moram, estilo de vida que tem, mas é como outra criança qualquer, mas com um certo, sei lá como eu posso te dizer, tem um q assim de ter um cuidado especial com elas, essa vivencia que elas tem, de onde vem, a família coisa e tal, toda aquela problemática que tem lá por trás, então ela tem até uma certa diferençazinha sim.

Entrevistador – por que você acha que elas são violentas assim? por que você acha que elas desenvolvem a violência, manifestam alguns atos violentos em alguns momentos?

Entrevistado – tem casos e casos sabe, acho que porque tem uma certa parte que você convivendo com a própria criança, você vê que as vezes pode ser da própria família mesmo, do meio onde vive, que isso leva muito, a criança mesmo sem querer é influenciada pela violência, até ontem mesmo teve um caso de umas meninas que vieram me contando, do vizinho que morreu assassinado em frente a casa delas, assim então elas presenciaram a cena, tudo, então eu acho que isso influencia muito na cabeça que a criança numa certa idade que vai dos sete aos quinze anos é muito influenciável, por tudo que vê que presencia e isto mexe muito com a parte psicológica da criança.

Entrevistador - dentro da tua oficina o que você tem feito para mudar isso?

Entrevistado – eu acho que com a própria cerâmica mesmo a terapia, trabalhar com a cerâmica com o barro, com a argila, eu acho que contribui um pouco até, eu já notei muita diferença em crianças que chegam, às vezes ta ali, sabe parece meio agitada traz aquela coisa de casa, eles se concentram em fazer a sua atividade na cerâmica parece que da uma mudança no comportamento da criança, então e varias outras maneiras como a recreação, uma boa conversa, às vezes você sente que aquela criança ta ali isolada não que nada com nada, da para ver que ela tem algum problema, alguma coisa em casa mesmo, então você chega conversar tenta fazer ela se abrir você vê que ela não quer fazer atividade então você entra num acordo com ela, conversa legal, coloca uma outra atividade para ela até mesmo ela ajudar a gente fazer alguma coisa que elas tirem aquele negocio da cabeça delas, esqueçam o que está acontecendo, existem vários outros recursos que só na hora mesmo a gente vai saber como lidar com a situação.

Entrevistador – cada caso é um caso.

Entrevistado – cada caso é um caso, exatamente.

Entrevistador – e o projeto, essa nossa inserção, você tem o contato desde que a gente começou aqui, até agora, você gostou do nosso trabalho, como você vê o nosso trabalho aqui dentro?

Entrevistado – olha, eu não acompanhei muito sabe de ficar lá no momento, mas pelo que eu tenho visto, muitas vezes eu levo o pessoal para participar da recreação de

vocês, mas eu achei muito diferente, trouxeram muitas coisas legal para eles assim porque quando vocês trazem aquelas coisas bem atrativas, principalmente quando vocês colocavam aquele negocio de colchão, que eles gostam de ficar virando piruetas, e dando mortal sabe aquele negocio, então prendia bem a atenção deles porque não sei se você já reparou a maioria da criançada aqui é futebol quer saber de futebol, mas mesmo assim já houve muitas vezes de vocês trazerem brincadeiras muito interessantes que chamou , prendeu a atenção deles, eu achei que foi gratificante, foi legal, valeu a pena, pra instituição, até mesmo pra vocês, um aprendizado .

Entrevistador – você conseguiu visualizar alguma mudança no comportamento das crianças no dia a dia, a partir do nosso trabalho aqui?

Entrevistado – teve, apesar de vocês serem um pessoal vindo diferente de outro lugar, até mesmo de faixa etária, da para ver que eles se apegavam muito a vocês, vocês passavam uma coisa aquele negocio assim muito alegre, bem extrovertido para eles, no começo assim eles ficavam meio cabreiros, depois eles foram se achegando mais entre vocês, ficavam bem apegados, e da para ver que eles queriam se valorizar mais assim principalmente as meninas maiores queriam se vestir melhor e tudo mais teve uma mudança no comportamento deles bem notável não fui só eu que notei muita gente notou, então a presença de vocês, quando tinha o dia de vocês da recreação muito deles diziam: “eles vem hoje?”, “a gente vai ter recreação com eles?” teve até assim uma mudança no comportamento e foi assim que eu notei.

Entrevistador – e mais especificamente com relação a violência você acha que houve uma diminuição dos atos violentos, o que você conseguiu visualizar na tua oficina?

Entrevistado – olha eu acho que teve sim, sabe uma mudança mas então acho que foi aquele trabalho junto que a gente sempre trabalhou todos juntos na recreação, então serviu então como um reforço também por que é como eu falei pra vocês que tudo que vocês passaram sempre era valido, sempre assim aquelas brincadeiras que vocês traziam, aquelas novidades então acho que acabou refletindo na cabeça deles, que tem um pessoal que ta vindo de fora, que esta trazendo uma coisa nova para eles, diferente assim que eu acho que com certeza repercutiu nessa parte de menos violência .

Entrevistador – eles ficaram menos violentos dentro da oficina?

Entrevistado – sim eles ficaram menos violentos dentro da oficina, por ser uma coisa nova que há tempos atrás não tinha, vocês estão aqui há pouco tempo com este projeto?

Entrevistador - há dois anos

Entrevistado – então acho com certeza teve uma mudança, então você vê a diferença sim de certas meninas, aquela ligação entre eles, se apegam bastante, acho com certeza mudou o comportamento deles!

Entrevistador – as brigas diminuíram também!

Entrevistado – é verdade.

Entrevistador – então você acredita que o projeto contribuiu mesmo?

Entrevistado – é contribuiu! E acho que sempre vai contribuir, eu não sei se vocês tem um tempo determinado esse projeto ou como que vai ser?

Entrevistador – a tendência é ir renovando e continuando

Entrevistado – renovando o pessoal, você quer dizer!

Entrevistador – o projeto na verdade continua, o que vai acontecendo é uma renovação em razão de que o pessoal vai se formando.

Entrevistado – tomara mesmo que continue, porque sempre é bem vindo!

Entrevista 04

Entrevistador – qual é a sua função, o que você faz na ASSOMA?

Entrevistado – eu sou professor de Educação Física, trabalho aqui na ASSOMA a dez anos, trabalho na rede pública de ensino, a mais ou menos já uns quinze anos, e estamos por ai batalhando, ganhando a vida da maneira que a gente pode.

Entrevistador – como você vê as crianças da ASSOMA?

Entrevistado – eles tem muitas dificuldades, mas tem também muitas chances de progredir de sair desta situação, como a gente sempre fala para eles, que não é só isso aqui a vida para eles, é um começo isso aqui, é um início, mas a gente vê que eles passam muita necessidade, com a família, com os pais, tem criança que não tem pai não tem mãe, então vive com um parente, na casa de apoio, então socialmente eles

passam uma necessidade muito grande, mas a gente tá orientando muito bem eles, pra que eles no futuro tenham isso como uma lembrança, uma lembrança e um currículo pra vida pra que eles melhorem e vão em frente.

Entrevistador – o que você acredita estar relacionado com a violência das crianças?

Entrevistado – relacionado há muitas coisas, relacionado há situação econômica nacional, a droga, aqui não tem, aqui é muito difícil ter crianças com drogas, aqui não tem felizmente, mas a gente vê que tá sendo uma coisa muito comum, então a gente tá batalhando muito sério pra que eles não entrem nessa onda da droga, que eles caiam fora o quanto antes.

Entrevistador – e essas briguinhas assim você acredita que!

Entrevistado – isso aí é coisa assim muito temperamental, tem crianças que tem uma personalidade muito forte, muito agressiva, a personalidade deles como criança, eles querem aquilo que é deles, então eles vão conquistar do jeito que eles querem, num jeito que não é falando muito, é meio na..., toma mesmo, então já causa uma agressão física, empurrão, chute, pontapés, palavrões, então isso aí as vezes é muito da criança, mas é porque ela quer conquistar aquilo meio na marra, e tem também pessoas que são assim muito que precisam se destacar, tem crianças que acham que precisam se destacar, então ele vai usando a força e não a palavra.

Entrevistador – você acredita que essas briguinhas que acontecem estão relacionadas ao fator afetividade?

Entrevistado – também, sem dúvida nenhuma, falta de apoio físico, o contato com outras pessoas, o carinho, o próprio toque do pai, da mãe, de algum parente, do próprio educador, eles sentem que isto aí é ausente pra eles, mas sente que isto é uma falta muito importante.

Entrevistador – como que você vê o projeto, essa inserção do projeto que se deu já faz dois anos aqui dentro da ASSOMA?

Entrevistado – eu vejo isso como um grande passo, da universidade, de vocês acadêmicos, vocês vieram aqui primeiro sentiram a situação como que era, foram se interagindo, foram participando com a gente, e vejo isso um grande passo muito útil socialmente, uma coisa nova, um campo novo, que pode se expandir pra muitas outras

áreas, que partindo do pessoal da Educação Física foi excelente, até quero dar os parabéns há vocês, que vocês foram os pioneiros aqui nessa área, e deu certo ta dando certo, e eu quero que vocês levem isso com uma grande satisfação e que também nós ficamos muito satisfeito de vocês chegar a desenvolver este projeto, muito bom, muito bom mesmo, eu tenho só que dar parabéns há vocês acadêmicos de Educação Física da Universidade Federal do Paraná.

Entrevistador – você acha que o projeto contribui para a diminuição da violência, como que você vê isso no dia a dia?

Entrevistado – olha eu vejo que foi uma gota de água no oceano, mas que fez um grande efeito, que contribuiu muito, contribui bastante, nesse imenso mar de violência que a gente passa pelo nosso país, a gente percebe na mídia que só importa agora a coisa violenta, as histórias violentas, o que não é violento não tem ibope, eu penso que isso contribuiu muito e diminuiu, ajudou a acalmar, ajudou a ter uma direção melhor, não deixando a criança perceber que só a violência resolve, então foi muito bom, pois eles ficaram mais calmos.

Entrevistador – diminuiu as brigas?

Entrevistado – diminuiu as briguinhas, ajudando eles criarem um pensamento melhor com relação à violência.